



PINTOU O TRICOLOR!

CAMPEÕES!

MS: Comercial 4
SE: Sergipe

**SÃO PAULO
CAMPEÃO
DO RETORNO**

6

**GALO,
COMO
SEMPRE**

10

**VASCO,
ATÉ QUE
ENFIM**

14

CAMPEÕES!

AL: CSA
PB: Treze
RN: América 20

SPORT

Edson, Dubeux e
Manuelzinho: três
gerações de
tricampeões 50

Gente

54

**COLORADO**

A meta é ser o
primeiro do Paraná 56

Paulinho, do América
de Minas, a revelação
do campeonato 60

Imagens de **PLACAR** e
Histórias do Futebol 62



Ceará: o time não foi
campeão, mas o ataque
deu show de gols 64

Meio Tempo 66

Viva em Forma 68

Bola da Loteria 70

Tabelão 74

Garoto do **PLACAR** 80

Camisa 12 81

Blitz e Rádio Táxi: os
ídeos bons de som
e de bola 22

INTER

Ademir e Rubén Paz
os heróis colorados 26

Bola de Papel 30

**A MÁFIA DA
LOTARIA
ESPORTIVA**

32

Abrindo o Jogo 36

Sem Pulo 40

OS BICÕES

Incríveis histórias de
quem vê o jogo de
fora do campo 42

BAHIA

A festa do
campeão invicto 46

Mundial 48

**OPINIÃO
PLACAR****OS NÚMEROS
E OS CAMPEÕES
DE 1982**

Por JUCA KFOURI

Que os números têm lá seus encantos todo mundo acredita. Seja para o bem, seja para o mal.

Exatos cinco meses antes deste 5 de dezembro, o Brasil inteiro chorou a inesperada derrota diante da Itália. Agora, para vascaínos e atleticanos, isso não interessa mais.

O Vasco quebrou com toda justiça a sua incrível série de cinco vice-campeonatos, derrotando inapelavelmente o Flamengo, time que, embora tenha sido campeão brasileiro nesta temporada, há de estar maldizendo o ano de 1982 (aliás, a Taça de Ouro deveria, pela sua importância, fechar o calendário, e não abri-lo).

Já o Galo acaba de completar sua quinta vitória consecutiva em Minas, não dando vez ao Cruzeiro, mesmo sem ter contado com seu time completo durante quase todo o campeonato.

Este é um lado da moeda, cheio de glória, da euforia que tomou conta de duas das mais maravilhosas torcidas do país.

O outro atinge os dois maiores jogadores brasileiros em atividade por aqui — porque o Darío Pereyra é uruguaio: Zico e Sócrates.

O ídolo rubro-negro, tão acostumado às vitórias, teve um segundo semestre nada feliz e só pode estar pedindo a Deus que o ano acabe logo.

O ídolo alvinegro perde nova decisão por 3 x 2, embora para essa derrota ainda haja remédio, posto que o São Paulo sagrou-se apenas vencedor do 2.º Turno e agora vai enfrentar o Corinthians para decidir o título, em duas partidas que deverão eletrizar o Brasil, com todos os olhos voltados para o Morumbi.

O jogo do último domingo foi a caráter de uma grande decisão. Sobrou São Paulo no primeiro tempo, com Darío Pereyra encarnando tudo o que se pode pedir de um jogador de futebol. Garra, classe, gol, o que mais exigir desse uruguaio maravilhoso, quem sabe o mais perfeito craque que temos visto nos últimos tempos?

O Corinthians, que abriu o marcador sem merecer, voltou perdendo para o segundo tempo e daí encurralou o tricolor. Empatou o jogo, esteve a pique de fazer o terceiro gol duas vezes e acabou sofrendo o desempate são-paulino como um castigo imerecido, situação já vivida pelo Doutor no Sarriá.

O Corinthians joga agora por dois empates. Mas Waldir Peres, Oscar, Serginho e Renato também têm bons motivos para querer sepultar o 5 de julho. Como Roberto Dinamite, Cerezo, Reinaldo e Éder. E Sócrates.



O São Paulo ganha o retorno e parte para a decisão

O TRI É MAIS QUE UM SONHO

Embora a vantagem do empate seja do Corinthians — a quem bateu no domingo por 3 x 2 —, o tricolor continua com tudo para levantar seu inédito tricampeonato paulista



Renato, contra Paulinho (esq.): grande momento.

Heriberto, com Ataliba (acima): com eficiência

A vitória sobre o Corinthians por 3 x 2 garantiu o título do segundo turno ao São Paulo e remeteu a decisão do campeonato a uma empolgante melhor de três, exatamente entre as duas equipes, já que o alvinegro fora o vencedor do primeiro turno.

Houve muitos lances heróicos nessa conquista tricolor, mas ninguém somou tantos méritos quanto o uruguaio Alfonso Darío Pereyra Bueno, vencedor do duelo do ano, que ele e Oscar, seu compa-

nheiro de zaga, travaram contra a badaladíssima dupla de atacantes corinthianos Sócrates e Casagrande.

Seu primeiro lance de heróismo aconteceu 2 minutos depois que Wladimir, aos 25, fez 1 x 0 para o Corinthians. Foi este o tempo exato que durou a vantagem alvinegra em toda a partida e o sonho de sair do Morumbi no domingo passado como campeão paulista de 1982.

Darío Pereyra começou a fulminar essa pretensão ao aparar um rebote da defesa

com um sem-pulo de pé esquerdo, decretando assim o empate, aos 27 minutos.

Depois, foi garantir o resultado lá atrás, com uma atuação perfeita, misto de técnica e coragem, o que levou o preparador Gilberto Tim a compará-lo ao chileno Elías Figueroa, o mitológico zagueiro do Inter na década de 70.

“Ele é um craque completo”, analisa Tim. “Além de uma liderança fora de série, é valente, habilidoso e, quando vai para a área adversária, torna-se um perigo enorme, graças a sua impulsão excepcional.”

Exausto, Darío Pereyra concordava, ainda em pleno gramado, que a garra são-paulina havia superado toda a imensa vontade corintiana de ganhar a partida e o título. Assim como justificou a pressão sofrida no segundo tempo — estava 2 x 2 e o alvinegro ameaçava desempatar: “O que acontece é que o Corinthians jogou tudo, pois a vitória evitaria todo o desgaste que terá pela frente. Agora serão duas partidas, nas quais poderá acontecer qualquer coisa, e os torcedores que vierem a campo certamente não se arrependerão”.

Serginho: “Numa decisão, vale a pena até cartão”

Na primeira delas, o endiabrado Serginho não estará presente, por ter levado o terceiro cartão amarelo. Logo ele, que saiu de campo de alma lavada, depois de desfilar um vistoso boné vermelho, marcar um gol maravilhoso ao encobrir Solito de fora da área (fazendo 2 x 1) e sofrer a falta que originou o gol da vitória (3 x 2).

Neste lance, acertou o revide no zagueiro Mauro e levou o cartão amarelo fatal. Mas não se arrependeu: “Vale tudo numa decisão como essa, inclusive enervar o ad-

versário como eu fiz. Nessa hora não dá mesmo para pensar em cartão amarelo”.

Se não terá Serginho na primeira partida, o São Paulo vai contar com Renato mais motivado do que nunca. Ao acertar uma cabeceada aos 42 minutos do segundo tempo, ele marcou um dos gols mais importantes da sua carreira, pois além de garantir a vitória certamente antecipou a renovação do seu contrato — que vence esta semana —, algo que parecia bastante difícil. Isto porque Renato pedia o teto salarial máximo do

Renato: “Nossa confiança será ainda maior”

clube — algo em torno de 4,5 milhões de cruzeiros mensais — e os dirigentes ofereciam menos de 1 milhão.

Depois do gol, as coisas ficaram bem mais fáceis, como admitia o próprio presidente José Douglas Dalora, nos vestiários: “Vamos acertar tudo antes mesmo do primeiro jogo”.

“Esse gol veio na hora”, alegrava-se Renato, caminhando com alguma dificuldade por haver levado dois pontos na perna direita. “De agora em diante, todos nós teremos uma confiança ainda maior para enfrentar o Corinthians de igual para igual na busca do tricampeonato.”

Confiança, aliás, o São Paulo tem de sobra. Principalmente depois que o preparador físico da Seleção Brasileira, Gilberto Tim, chegou ao Morumbi. Sua vinda coincidiu com uma série de nove vitórias consecutivas e a fama de pé- quente, como resumiu o capitão Oscar: “O Tim foi a maior contratação do São Paulo em 1982”.

Atrás de todos esses heróis do clássico, está a figura sóbria do técnico José Poy. Discreto, apesar da fama de furão, ele contornou graves pro-



JB SCALCO



JB SCALCO

blemas no elenco — teve grandeza ao reintegrar Marinho Chagas e Jaiminho, mas não vacilou ao afastar Mário Sérgio, depois que este rompeu com alguns dos principais titulares da equipe.

Foi Poy também quem arriscou o lance ousado de improvisar o meia-cancha Heriberto na lateral esquerda, assim como não hesitou ao apontar o vencedor, na véspera do jogo: “Vai ganhar quem tiver melhor condições físicas e psicológicas”.

Nessa frase, estava resumida a confiança de José Poy em seus comandados. E é esse São Paulo valente e unido que vai enfrentar o Corinthians na batalha pelo ambicionado tricampeonato, com a receita fornecida pelo seu maior herói do clássico, Darío Pereyra: “Os 11 que vão entrar terão de jogar com toda a alma e coração e honrar como nunca a camisa do São Paulo”.

Por EMANUEL MATTOS





Ao lado a festa de

Sócrates, Casagrande e

Wladimir no 1 x 0. Acima,

Dario celebra o 1 x 1 com

Oscar, P. César e Renato



RONALDO KOTSCHO

A alegria de Biro-Biro: atrás do pote de ouro

cobrança de falta rebatida pela defesa e, na repetição, provocou o lance que resultou no gol de empate, assinalado por Dário Pereyra.

“Não sabemos jogar na retanca, mas não podemos tomar gols como esses”, queixava-se o técnico Mário Travaglini nos vestiários, referindo-se também aos outros dois, marcados por Serginho e Renato. “Afim, o empate será bom para nós nas duas decisões, e vamos acertar as coisas lá atrás.” Diga-se, além disso, que o Corinthians também não sabe jogar sem fé e sem força. Da combinação desses dois fatores nasceram os festejados títulos de 1977 e 79. E, em boa parte do segundo tempo, a equipe massacrava o tricolor, ganhando todas as divididas, impondo-se pela velocidade. Acontece que, extenuado pela maratona de Marília, alguns homens decisivos renderam aquém do

Fiel: como sempre, foi maioria e promete continuar

normal, casos do lateral-direito Alfinete, habitualmente preciso nos cruzamentos, do goleador Casagrande e do doutor Sócrates, falhando muito nos toques de primeira.

“O time vai voltar a jogar com deslocamentos constantes, ocupando principalmente as pontas, para desmontar o meio-campo do São Paulo”, prometia o laborioso Biro-Biro. Com esse estilo, o Corinthians realizou a melhor campanha de todos os 18 participantes do Paulistão (56 pg em 38 jogos). A Fiel acredita nisso. Maioria de dois terços no Morumbi, que recebeu 117 mil pagantes, saiu derrotada mas em paz. Sabe, por sua sofrida vivência, que o arco-íris se mostra a quem for à luta. Do contrário, o pote de ouro será apenas uma miragem.

CAMPEONATO PAULISTA

Para os corintianos, agora começa tudo outra vez

TIMÃO: COM FÉ E FORÇA

Com o título quase nas mãos, o Corinthians não conseguiu conquistá-lo. Faltou-lhe o que sempre teve o ano inteiro: a tranquilidade que todos garantem reencontrar nestas finais

Parecia que, enfim, o Corinthians atingira o fim do arco-íris. Aos 25 minutos de jogo, logo após o 1 x 0 marcado por Wladimir, o meia Biro-Biro correu para a lateral do gramado agitando uma bandeira alvinegra, como se fosse o precioso pote de ouro que premia o fim da heróica jornada. Levou, por conta do destemperado gesto, um cartão amarelo, as-

sim como todo o time levaria, no minuto seguinte, o gol de empate.

A miragem iludiu olhos e corações mosqueiros bem antes da partida. Já na quinta-feira, na malograda noite de Marília (0 x 1), o técnico Mário Travaglini hesitou entre tentar a vitória — que lhe garantiria a vantagem do empate, no domingo —, e poupar alguns titulares — pois uma

chuva torrencial impediu a prática de qualquer esporte remotamente parecido com futebol. No sábado, a comissão técnica deflagrou um plano de contra-informação, com o intuito de despistar o inimigo. Casagrande deu entrevistas queixando-se de uma gripe com febre alta e o zagueiro Daniel González desapareceu de circulação — estaria contundido, especulou-se.

Na chegada da delegação ao Morumbi, o mistério se desfez. Como que por milagre, ambos tinham sua presença assegurada, embora Casagrande jurasse que estava sem suas melhores condições.

Iniciado o clássico, o São Paulo não pareceu impressionado com a poeira que o adversário tentara jogar-lhe nos olhos. Até o gol de Wladimir, dominava o meio-campo. E, ironicamente, foi esse gol que descontrolou o Corinthians. Enquanto jogadores e torcedores ainda vibravam com a iminência do título, Getúlio catimbava uma

Por CELSO KINJÔ



**BLITZ E
RÁDIO TÁXI**

A TURMA DO ROCK AND GOL

Bons de som e de bola, estes dois grupos de rock brasileiro misturam música com futebol — ingredientes para uma receita de sucesso que faz a galera vibrar





RODOLPHO MACHADO

Foi como um gol do meio de campo aos 45 minutos do 2.º tempo: surpreendente, inesperado — e definitivo. De repente, as rádios de todo o país estavam ocupadas pelo som alegre, arrojado e muito malandro de “Você Não Soube Me Amar” e “Dentro do Coração”, músicas respectivamente dos conjuntos Blitz e Rádio Táxi — dois grupos que, no palco, lembram o Flamengo ou o Corinthians: um som criativo, ágil, alegre. Pois, como explicam seus integrantes, música e futebol, para empolgar, não podem ter retranca!

A CRIATIVIDADE É O SEGREDO

Rita Lee estava com a razão: futebol e rock têm tudo a ver, e o Blitz é um exemplo perfeito disso. Seu líder, Evandro, não deixa por menos: "No palco, somos o que o Flamengo é em campo: um time de baile, toque malandro e muita técnica. Aí a moçada se empolga mesmo, como a galera que o Mengão sacode no Maracanã".

O Blitz estourou nas paradas, explica Evandro, porque faz um som genuinamente carioca, irreverente: "Nosso ritmo é um rock de breque ou um breque & roll. Quem resiste?" Fluminense fanático, Evandro, 30 anos, foi cobra no futebol de praia, chegou a treinar no São Cristóvão e até acalentou sonhos de um dia chegar à Seleção Brasileira — tudo frustrado por uma pancada no joelho direito e rompimento dos meniscos. Trocou os gramados pelo palco, mas continua a jogar suas peladas no sítio de Chico Buarque: "Sou artilheiro, lá. Mas não fico o tempo todo na banheira como ele, não. Minhas jogadas de gol, eu mesmo crio e finalizo".

Evandro fez um golaço em pleno Maracanã

Criatividade, aliás, é o forte do grupo onde o "ataque" ainda é formado pelas cantoras Márcia e Fernanda — duas gracinhas —, que torcem pelo Mengo e pelo Vasco, e pelo guitarra-solo Ricardo Barreto, botafoguen-se e santista que dita o ritmo no palco. Como toda equipe que se preza, o Blitz não descuida da defesa: no meio-campo e na cabeça-de-área estão o tecladista William e o baixista Antônio Pedro, dando tranquilidade ao "goleiro", o baterista Juba,

que não pode vacilar um segundo. "Se ele falha, adeus ritmo", decreta Evandro, que acrescenta: "Juba segura todas nos couros".

Na vida real — sim, porque o palco é uma espécie de sonho para eles —, Antônio Pedro e Ricardo Barreto não têm muita intimidade com a bola (chamada, respeitosa-mente, de Minha Senhora pelo primeiro), mas torcem: Ricardo começou a amar o Botafogo ainda criança, quando ia ver os treinos em General Severiano e conversava com Garrincha, Didi e Nilton Santos. "Hoje", chora ele, "quando passo por lá me bate uma tristeza... Dá vontade de transar um show, faturar uma grana alta e entre-
gar toda para o Bota comprar um craque de seleção e juntar ao pobre do Paulo Sérgio."

Quanto a Evandro, a grande vontade ele matou dia 27 de novembro, quando o Blitz participou do show da chegada de Papai Noel no Maracanã. Marcinha é quem entregou o ouro: "Na véspera, o Evandro comprou uma bola, deixou-a escondida na Kombi. Aí, depois do show, colocou a bola no gramado, saiu driblando adversários imaginários e fez um golaço na meta vazia. Ficou tão feliz que até chorou!"

Evandro confessa: "Foi mesmo. O que eu sempre sonhei foi um dia marcar um gol em pleno Maracanã. Então, aproveitei..."

Por HIDEKI TAKIZAWA

RÁDIO TÁXI

CASAGRANDE É O PRINCIPAL FÃ

Rita Lee estava com a razão: havia espaço, e muito, para um rock brasileiro, de balanço próprio — não era preciso ficar insistindo no pasteurizado som *disco-tèque* importado. Foi na crista dessa onda restauradora que pintou o Rádio Táxi, há dois anos nas paradas de sucesso com um som alucinante marcado principalmente por "Dentro do Coração"

(música conhecida pelo refrão "...põe devagar").

De sirenes abertas, o Rádio Táxi chegou aos campos de futebol pelo lado de dentro: entre seus fãs estão o artilheiro Casagrande, o lateral Vladimir e o extrovertido Serginho. Uma curtição recíproca: estes três craques, mais Sócrates, Zico, Marinho Chagas, Luís Pereira e Paulo Vítor, são os ídolos do baixista Lee, 28 anos, do baterista Gel, 26, do guitarrista Wânder, 28, e do vocalista Willie, 29.



Acima, Evandro, Fernanda, Marcinha e Ricardo, quatro dos sete integrantes do Blitz.

Ao lado, Wander, Willie, Gel e Lee, do Radio Taxi

Tocando isoladamente há 15 anos, os quatro se juntaram há três, quando acompanhavam Rita Lee e decidiram formar um conjunto próprio. Em pouco tempo, explodiram — e Willie compara isso ao que aconteceu com o futebol brasileiro: “Depois de muito tempo importando esquemas rígidos, começamos a nos reencontrar com nossas características básicas: criatividade e alegria. Nos campos e nos pal-

cos, esse estilo veio para ficar. Futebol e música são fenômenos de explosão social, estão entre as poucas alegrias do povão”.

Um bom exemplo desse novo tom é Casagrande, explica Willie: “Ele é um cara jovem, solto e feliz — e deixa tudo isso transparecer em seu futebol alegre e eficiente, um retrato perfeito de nossa juventude”. Corintiano fanático — embora já tenha sido, segundo acusa Lee, palmeirense —, Willie acrescenta sua definição de Sócrates: “Uma cabeça fantástica, que criou uma nova imagem do jo-

gador brasileiro e transmite sinceridade e liderança”.

Lee, palmeirense que se confessa “de cabeça inchada”, e o são-paulino Gel são os mais fanáticos e vivem brigando — numa boa, acrescenta Gel com ar de pena: “O timinho dele anda tão por baixo que nem vale mais a pena gozar o coitado”.

Wânder, santista (“Esse também já foi palmeirense”, aponta Lee, insistente), e Willie são mais contidos, e não entram nessa de se alfinetar como Lee e Gel. Amigo de infância do centroavante Serginho no time Pequenos Vigilantes da Casa Verde e no campinho do Cruz da Esperança, Willie só perde em maté-

ria de “canha” para Lee, que chegou a meia-armador do São Francisco de Vila Ipojuca, onde um dia até marcou o hoje corintiano Wladimir. Com tantas qualidades, o Rádio Táxi não deixa por menos: já está desafiando todos os conjuntos brasileiros de rock para um torneio.

“Vamos mostrar quem é quem”, ameaçam. “Mas prometemos não humilhar ninguém.”

Por MARCO
AURÉLIO
BORBA



TABELÃO

★ A estrelinha marca o último jogo dos times da Loteria

talha; Dorval, Dadinho e Tuíco. Técnico: Ari Marta

Isabelense: Nunes (Ribamar, intervalo), Quaresma, Helido, Val e Carlinhos; Chicão, Duarte e Panjoca; Gabriel (Ronaldo, 28 do 2.º), Rubens e Sinomar. Técnico: Ari Greco

5/dezembro/82

● REMO 1 X PAYSANDU 1

Local: Alacid Nunes (Belém); Juiz: Roque José Galas (RS); Renda: Cr\$ 11 647 600,00; Público: 28 994; Gols: Pedrinho 7 e Nilson 26 do 2.º; Cartão amarelo: Pedrinho, Zica, Celso, Sabará e Balbino; Expulsão: Ademílton e Tuíco 19 e Batalha 41 do 2.º

Remo: Bracali, Balbino, Marcos, Marajó e Pedrinho; Zé Luis (Chico Alves, 24 do 2.º), Zica (Celso, 28 do 2.º) e Batalha; Dorval, Dadinho e Tuíco. Técnico: Ari Marta

Paysandu: Sérgio Gomes, Marco Antônio (Eli, 22 do 2.º), Ademílton, Sabará e Paulo Róbson; Samuel, Mesquita e Edésio; Evandro (Nilson, 13 do 2.º), Cabinho e Careca. Técnico: César Moraes

COLOCAÇÃO PG J V GPGC

1.º Paysandu	6	3	2	5	2
2.º Remo	5	3	2	3	1
3.º Isabelense	2	3	1	2	4
4.º Tuna Luso	0	3	0	0	3

ESTÁ ASSIM: Com este resultado, o Paysandu ganhou o 3.º Turno. Como também já havia ganhado o 1.º Turno, o Paysandu vai para a decisão do título com dois pontos, contra o Remo — que venceu o 2.º Turno e leva um ponto. Na quarta-feira, será jogada a primeira partida. Se for necessário, haverá outra no domingo, dia 12. Será campeão o time que primeiro conseguir quatro pontos.

PRINCIPAIS ARTILHEIROS

Cabinho (Pay) e Duarte (Isa) 11; Mesquita (Pay) e Cabecinha (Tuna) 10; Nilson (Pay) 9; Careca (Pay) e Dadinho (Re) 8

JÚNIOR

XV TAÇA SÃO PAULO DE FUTEBOL JÚNIOR

OITAVAS-DE-FINAL

2.ª RODADA

30/novembro/82

NACIONAL 1 X FLAMENGO 1

SANTOS 1 X MATSUBARA 0

GRÊMIO 3 X VITÓRIA 2

ATLÉTICO 2 X JUVENTUS 2

PONTE PRETA 1 X VASCO 1

PORTUGUESA 2 X GOIÂNIA 1

CORINTHIANS 0 X AMÉRICA 0

SÃO PAULO 3 X PALMEIRAS 2

3/dezembro/82

FLAMENGO 1 X MATSUBARA 1

BOTAFOGO 1 X NACIONAL 1

GUARANI 1 X ATLÉTICO 2

GRÊMIO 1 X JUVENTUS 0

INTER 3 X CORINTHIANS 1

SÃO PAULO 1 X AMÉRICA 0

XV DE JAU 0 X GOIÂNIA 2

PORTUGUESA 2 X VASCO 1

LIBERTADORES

FASE FINAL

30/novembro/82

● COBRELOA 0 X PENAROL 1

Local: Nacional (Santiago); Juiz: Jorge Romero (Argentina); Público: 75 000; Gol: Morena 44 do 2.º; Cartão amarelo: Jair

Cobreloa: Wirth, Hugo Tabilo (Manuel Martínez), Eduardo Gómez, Mario Soto e Enzo Escobar; Víctor Merello, Armando Alarcon e Rubén Gómez; Rubio, Jorge Luis Siviero e Washington (Letelier). Técnico: Cantatore

Peñarol: Fernández, Diogo, Oliveira Gutiérrez e Morales; Saralegui, Bossio e Jair; Vargas, Morena e Ramos. Técnico: Hugo Bagnulo

* Com este resultado, o Peñarol tornou-se campeão da Taça Libertadores da América

AMISTOSOS

4/dezembro/82

● BAHIA 0 X AMÉRICA-RJ 0

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Jomar Maia; Renda: Cr\$ 3 192 360,00; Público: 12 239

Bahia: Ronaldo, Edinho, Zé Augusto, Edson Soares e Washington Luís; Helinho, Leo Oliveira e Emo; Sena (Jurandir), Dario (Ricardo Silva) e Róbson. Técnico: Carlos Fróner

América-RJ: Gasperim, Chiquinho (Jorginho), Duílio, Zé Dílson e Afrton; Pires, Elói e Gilberto; Serginho, Luisinho e Gilson. Técnico: Edu

CASCADEL 0 X INTERNACIONAL-RS 1

TREZE 2 X CEARA 0

INTERNACIONAL

PORTUGAL

CAMPEONATO NACIONAL

1.º TURNO — 10.ª RODADA

5/dezembro/82

Porto 4 x Varzim 0, Rio Ave 6 x Marítimo 1, Amora 1 x Guimarães 1, Alcobaca 1 x Benfica 1, Portimonense 6 x Estoril 0, Sporting 3 x Salgueiros 0, Braga 3 x Setúbal 0 e Espinho 0 x Boavista 0

COLOCAÇÃO — PG

1.º Benfica 23; 2.º Porto 19; 3.º Sporting 18; 4.º Rio Ave 14; 5.º Estoril, Guimarães e Braga 13; 6.º Varzim 12; 7.º Setúbal, Espinho e Portimonense 10; 12.º Salgueiros 9; 13.º Boavista e Amora 8; 15.º Marítimo e Alcobaca 7

ESTÁ ASSIM: Quando a temporada já perdía a graça por causa da fabulosa performance do líder — em 11 rodadas, 11 vitórias — eis que acontece um empate diante do lanterna. Embora tenha dominado toda a partida, disputada em piso de terra, o Benfica sofreu um gol aos 43 min do 2.º tempo. Sua série invicta, de qualquer forma, mostra agora 25 partidas, aí incluídas as realizadas pela Recopa europeia — venceu, quarta-feira passada, os holandeses do PSV Eindhoven (2 x 0).

O Porto, atuando nas Antas, goleou o Varzim, com dois gols do irlandês Walsh, outro de Frasco e o último de Gomes, que agora é o artilheiro isolado, com 13 gols. Três pênaltis bem cobrados pelo negro Jordão liquidaram o Salgueiros em Alvalade, e o Sporting, dessa forma, continua no páreo.

O Campeonato será interrompido neste domingo por causa da Taça de Portugal. No dia 19, o Benfica receberá o Portimonense, reiniciando o Campeonato. Enquanto isso o Porto voltará a atuar nas Antas, diante do forte Rio Ave de Vila do Conde. Quanto ao Sporting, deslocar-se-á para a praia de Estoril.

ESPANHA

CAMPEONATO NACIONAL

1.º TURNO — 12.ª RODADA

5/dezembro/82

Atlético Bilbao 2 x Real Madrid 4, Sevilla 1 x Gijón 0, Atlético Madrid 1 x Espanol 0, Zaragoza 2 x Málaga 1, Osasuna 0 x Betis 0, Valladolid 2 x Santander 0, Barcelona 1 x Real Sociedad 0, Valencia 4 x Salamanca 1 e Las Palmas 2 x Celta 2

COLOCAÇÃO — PG

1.º Real Madrid 22, 2.º Barcelona, Zaragoza e Atlético Bilbao 20; 5.º Sevilla 18; 6.º Real Sociedad 17; 7.º Gijón e Atlético Madrid 16; 9.º Espanol 13; 10.º Las Palmas 12; 11.º Málaga, Salamanca, Betis e Osasuna 11; 15.º Santander e Valencia 9; 17.º Celta e Valladolid 8

ESTÁ ASSIM: Diego Maradona saiu do gramado com suspeita de fratura na perna, na terceira contusão grave em apenas 12 rodadas. Verdade que ele se machucou numa queda de mau jeito, agravada porque um adversário arremessou seu peso sobre sua perna direita. Segundo previsões do médico do Barcelona, só nesta terça-feira ficará esclarecida a gravidade do problema. A equipe catalã tem particular azar nesse aspecto: em dezembro de 1981, o armador Schuster sofreu ruptura dos ligamentos do joelho direito e passou nove meses inativo. O Campeonato está tão empolgante que, neste fim de semana, enfrentam-se dois dos vice-líderes, Barcelona e Bilbao.



Wladimir contra Paulo César, na vitória do São Paulo sobre o Corinthians

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ